

Klaus-Wilhelm Lege

**Contribuição alemã individual
e intergovernamental no Brasil**

Discurso no Rotary Club São Paulo Leste

22 de setembro de 2020

Contribuição das Personalidades de Língua Alemã no Brasil e perspectivas da cooperação intergovernamental na Amazônia

1. Alemães e Imigrantes de língua alemã no Brasil da descoberta até o início do século XIX	3
2. Empresários alemães e de língua alemã no Brasil do século XIX e do início do século XX	6
3. Empresas alemães do século XX e do início do século XXI no Brasil	7
4. Empresários alemães e Responsabilidade Social	9
5. Investimentos da Alemanha na proteção da Amazônia	11

Contribuição das Personalidades de Língua Alemã no Brasil e perspectivas da cooperação intergovernamental na Amazônia

1. Alemães e Imigrantes de língua alemã no Brasil da descoberta até o início do século XIX

Alemães participaram já na tomada de posse do Brasil pelos Portugueses. Um dos navegantes mais importantes pelo descobrimento do País foi o astrônomo e médico nos navios portugueses, Johann ou "Bacalareus Johannes", conhecido como João de Emenelaus (Emmerich), que acompanhou os 35 militares/atiradores alemães ("Deutsche Artilleristen" ou "Büchschützen") de uma guarnição perto de Lisboa, da qual seus soldados participaram em todas as viagens de descoberta, e também a bordo dos navios de Pedro Álvares Cabral.

Empresas alemãs ou empresas de imigrantes alemães, respectivamente de imigrantes dos países de língua alemã, existem no Brasil desde que foram fundadas empresas no País, logo após a sua descoberta em 22 de abril de 1500.

Em 1532, o técnico alemão Johann von Hülsen fundou o primeiro moinho de açúcar movido a água, o "Engenho de São Jorge" (Faktorei zum Heiligen Georg), nas proximidades de São Vicente (no sudeste do Brasil), no qual participou no ano 1550 o empresário Erasmus Schetz. A usina de açúcar foi a maior do Brasil que, posteriormente, foi superada pelas usinas de açúcar em Pernambuco, no nordeste do Brasil, também fundadas por alemães.

Logo após a fundação de Pernambuco, em 1535, chegaram as primeiras famílias alemãs, precursoras das famílias Holanda e Lins.

Arnual von Holland era natural de Utrecht, onde viviam seus pais. Seu pai era o Barão von Rheinburg e sua mãe era a irmã do papa alemão Adriano VI (1522/23). Arnual começou a plantar cana a partir de 1535 nas proximidades da atual cidade de Olinda, para transformá-la em açúcar no "Engenho de Santo André" e no "Novo Engenho de Muribeca", ambos de sua propriedade. Em 1545, chega a Pernambuco o comerciante e armador alemão Sebald Lins, natural de Ulm, nas margens do Danúbio. Depois de ter residido durante certo tempo em Antuérpia, mudou-se para Lisboa, onde acumulou

grande riqueza. Dali, ele emigrou para o Brasil com os seus filhos Christoph e Bartholomäus.

Assim como Erasmus Schetz em São Vicente, Sebald Lins tinha a sua frota própria e mantinha com o seu pai, comerciante em Augsburg, um florescente comércio de açúcar, pau-brasil e algodão.

|

Em 1580, Portugal passou a pertencer aos Habsburgos espanhóis. Nos anos seguintes, os holandeses protestantes-calvinistas lutavam para se libertarem dos opressores católicos da Espanha. A Paz de Vestfália em 1648, depois de trinta anos de guerra, selou definitivamente a ascensão da Holanda como potência.

Já antes os holandeses começaram a disputar as colônias com os espanhóis e portugueses. O governo holandês passara a responsabilidade pela disputa para as empresas privadas.

Em 1630, a Companhia das Índias Ocidentais conseguiu entrar em Pernambuco, principal centro fornecedor de açúcar para a Europa. A conquista de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte foi conseguida após muitas batalhas sob o comando do major-general Sigemundt von Schkoppe, da Silésia, e outros oficiais alemães. Finalmente, a Companhia (das Índias Ocidentais) resolveu entregar as terras conquistadas ao controle de um homem provido de amplas atribuições de poder.

A escolha recaiu sobre o alemão Johann Moritz Graf von Nassau-Siegen-Dillenburg (nascido em 1604 no Castelo Dillenburg, falecido em Kleve, em 1679), conhecido como Maurício de Nassau, um homem que já tinha dado prova de coragem, confiabilidade e de sua vasta cultura, graças a uma excelente educação. Ele chegou em Recife, a nova capital pernambucana, em 1637. No seu séquito, ele trazia inúmeros peritos, cientistas e artistas de origem alemã, já que, apesar da sua relativa independência, a Holanda pertenceu até 1648 ao “Sacro Império Romano da Nação Alemã”.

Imigrantes de língua alemã e seus descendentes participaram até o presente dia no desenvolvimento do Brasil, e, assim, contribuíram para colonizar, construir e desenvolver esta terra continental.

|

Com a mudança da Corte Real Portuguesa para o Brasil em 1808, também vieram oficiais alemães e empresários, os quais participaram do início de uma nova época no desenvolvimento do Brasil - similar ao momento do descobrimento do País, 300 anos atrás.

Entre eles estavam Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen e Wilhelm Ludwig von Eschwege, que fundaram as indústrias siderúrgicas e construíram o primeiro alto-forno no Brasil (siderurgia "São João de Ipanema" em Sorocaba e "Fábrica Patriótica" em Congonhas do Campo).

Por recomendação do Congresso de Viena, em 1817, a Arquiduquesa Leopoldine von Habsburg (1797 - 1826), a terceira filha do Imperador Franz I da Áustria e ao mesmo tempo Franz II do "Sacro Império Romano da Nação Alemã" (da Alemanha), foi confiada ao Príncipe Dom Pedro, da casa de Bragança e Bourbon, como esposa.

Leopoldine trouxe consigo, a exemplo do que fizera Maurício de Nassau 200 anos antes, uma comitiva constituída principalmente por pesquisadores, cientistas, peritos e artistas alemães. Estas pessoas exerceram influência fundamental na formação intelectual da Nação brasileira. Com eles vieram também soldados, agricultores, comerciantes e empresários de países onde se falava alemão.

A Arquiduquesa Leopoldine tinha uma visão muito clara da situação política brasileira. Ela sacrificou o seu maior desejo, a volta para a Europa, para aderir à causa da permanência do seu marido no Brasil. Ela também teve a determinação e a coragem de abraçar a ideia da Independência.

A Independência do Reino brasileiro foi declarada em 6 de agosto de 1822, porém ainda dentro da organização política do Estado constituído pelo Reino de Portugal, Brasil e Algarve. Mas Leopoldine percebeu que a ruptura com Portugal era iminente.

Em 2 de setembro de 1822, Leopoldine, representando o Príncipe regente, que se ausentara para uma viagem a São Paulo, convocou o Conselho do Estado, que se decidiu pela imediata separação de Portugal.

O Príncipe regente foi informado da decisão através de um ofício. Com uma carta pessoal, que o acompanhava, Leopoldine conseguiu fazê-lo tomar uma decisão positiva nas colinas do Ipiranga, em São Paulo, onde, em 7 de setembro de 1822, o Príncipe finalmente exclamou as palavras que ficariam na história brasileira para sempre: “Independência ou Morte!”. E já em 12 de outubro de 1822, o Brasil foi declarado Império.

Leopoldine, bisneta da Imperatriz Maria Theresia e filha do último Imperador do “Sacro Império Romano da Nação Alemã”, alcançava assim o máximo que podia: a independência do Brasil e a liberdade e igualdade de direitos do seu povo. Ela é considerada “Anjo Tutelar do Brasil” e é chamada “Mãe do Brasil”.

2. Empresários alemães e de língua alemã no Brasil do século XIX e do início do século XX

No final do século XIX e início do século XX foi promovida a industrialização do Brasil. Nesta época, também os imigrantes alemães fundaram as suas indústrias. As seguintes personalidades são conhecidas por construírem as maiores empresas, em seus respectivos campos:

- na indústria têxtil, os irmãos Hermann e Bruno Hering
- na indústria de papel, Otto e Alfred Weiszflog (Melhoramentos)
- na indústria de porcelana, Fritz Erwin Schmidt.

|

A influência dos imigrantes alemães foi também decisiva nos setores do comércio. Após a chegada da Corte Real ao Brasil, foi possível, de certa forma, restabelecer a tradição dos grandes comerciantes alemães e suas frotas mercantes do século XVI: Erasmus Schetz, Arnual von Holland e Sebald Lins, por exemplo. Já em 1825, 50 % do açúcar e do café produzidos no Brasil iam para as cidades hanseáticas de Hamburg e Bremen.

O número de grandes casas comerciais alemãs de importação e exportação cresceu rapidamente. Em 1875, havia 80 estabelecimentos comerciais alemães, (que passaram a ser, assim, em número maior do que os dos

ingleses). Em Santos, Theodor Wille fundou sua casa comercial, em 1844, e começou a importar produtos e máquinas até então desconhecidas. Além de se tornar um dos maiores exportadores de café, ele fomentou o porto de Santos e o progresso da economia cafeeira de São Paulo. Na Bahia, homens como August Suerdieck, Gerhard Dannemann, Hermann Stoltz e outros beneficiavam e exportavam tabaco e cacau.

Durante muitos anos, o alemão Franz Schmidt (1850 - 1924) foi o maior fazendeiro de café do mundo. Em 1890, ficou sabendo que as terras roxas e planas da região de Ribeirão Preto eram ideais para o plantio do café. E começou comprando grandes extensões de terra no interior de São Paulo. Em 1914 ele possuía 168.000 hectares com mais de 10 milhões de pés de café, e teve mais de 11.000 trabalhadores empregados na capina e colheita.

3. Empresas alemãs do século XX e do início do século XXI no Brasil

Após a Segunda Guerra Mundial, o primeiro grande investimento alemão no Brasil sucedeu-se, em 1949, no setor da indústria pesada, com a construção de uma siderúrgica e mineradora pela empresa Mannesmann em Belo Horizonte, tornando-se a base de abastecimento para muitas indústrias.

Já em 1950, foi assinado um contrato comercial entre o Brasil e a Alemanha Ocidental, tendo como ponto de partida um balanço comercial equilibrado. Dessa maneira, as federações da indústria alemã aconselharam a produzir no próprio Brasil. Por essa razão foram fundadas, logo em 1953, as subsidiárias da Volkswagen, Mercedes-Benz, Degussa, Ferrostaal e outras.

A política de substituição de importações deu, desta maneira, o início à “revolução industrial” no Brasil dos anos 50 do século XX. Até o final de 1957, 130 empresas e participações (joint ventures) alemãs se somaram ao conjunto.

Nos anos 50, os investimentos alemães correspondiam a 12 % do total dos investimentos estrangeiros diretos no Brasil (segundo lugar, atrás dos EUA). Os principais setores são até hoje a indústria automotiva e a de seus fornecedores, as indústrias química e farmacêutica, a indústria eletroeletrônica, assim como a indústria metalúrgica e a de engenharia

mecânica. Por essa razão, as empresas brasileiras de capital alemão se tornaram o motor da industrialização nesses anos.

A Roberto Bosch, na qualidade de um dos líderes mundiais do mercado no setor de engenharia automotiva, está presente no Brasil desde 1954, com uma central em Campinas, atendendo a todo o mercado latino-americano.

As sucessoras do conglomerado químico “IG-Farben” com as indústrias BASF, Bayer e Hoechst participavam de suas empresas representantes, que foram mais tarde incorporadas. A Evonik começou em 1953, com o nome de Degussa, como empresa líder no setor de química especial. Desde 1955, a Henkel está presente no Brasil, oferecendo produtos e serviços para os mais diversos mercados. Em 1956, a Boehringer Ingelheim abriu uma filial em São Paulo; esta empresa farmacêutica produz substâncias ativas de plantas cultivadas em fazenda própria.

|

Em 1964, oito das dez maiores empresas alemãs atuavam no Brasil. Entre 1960 e 1970 o intercâmbio de mercadorias entre o Brasil e a Alemanha duplicou-se. A tendência apontava para superávits maiores em favor do Brasil. Por essa razão, São Paulo sediou, em 1971, a maior exposição industrial alemã até então.

Em consequência do melhor conhecimento do mercado brasileiro, os investimentos alemães, principalmente os das empresas de médio porte, ampliaram-se substancialmente a partir dos anos 70.

Entre as empresas do setor de bens de consumo e do consumo doméstico, fundadas por alemães e descendentes de alemães, estão: H. Stern com joias, Hering com malhas, Melhoramentos com papéis, e muitas outras, inclusive de cerveja com as marcas Brahma e Antarctica.

Hoje em dia, os ícones da indústria alemã e seus produtos são onipresentes na vida dos brasileiros, mesmo aqueles que se instalaram por último no país, como por exemplo a empresa MAN Latin America do grupo Volkswagen, que foi fundada oficialmente em 2009 como o maior produtor de caminhões e segundo maior produtor de ônibus da América do Sul.

|

As cerca de 1.400 empresas com capital alemão no Brasil e com cerca de 10 % do PIB industrial brasileiro empregavam em 2010 cerca de 250 mil funcionários. No final da primeira década do século XXI, a Alemanha é o terceiro maior parceiro comercial do Brasil, depois dos EUA e da China. O comércio bilateral ultrapassou os 20 bilhões de dólares em 2010.

Ao todo, o valor dos investimentos alemães diretos, incluindo reinvestimentos, ultrapassa US\$ 25 bilhões, o que corresponde a uma forte presença comercial. Das empresas com capital alemão sediadas no Brasil, cerca de 900 estão no Estado de São Paulo.

A maioria das indústrias alemãs no Brasil fabrica bens de produção para o seu posterior processamento interno, bem como também em outros ramos industriais. Por essa razão, estas fábricas têm um papel decisivo no desenvolvimento industrial do Brasil e oferecem uma contribuição incalculável para a formação de um parque industrial diversificado.

Entre os bens de consumo „alemães“ de produção brasileira mais conhecidos estão certamente: aspirinas da Bayer (desde 1899, ácido acetilsalicílico), defensivos agrícolas da BASF, tintas Glasurit, furadeiras Bosch, motosserras Stihl, limpadores Kärcher, colas Henkel, lentes Carl Zeiss, lápis Faber Castell, pudins Oetker, cafés Melitta, cremes Nivea/Beiersdorf, tênis Adidas, sapatos Puma, moda de praia e moda íntima Bruno Banani, roupas masculinas Hugo Boss.

Também a maior empresa comerciante de modas online do mundo, a Otto Versand, empresa familiar em Hamburg, começou investindo fortemente no Brasil.

4. Empresários alemães e Responsabilidade Social

Há poucos anos foi feito um levantamento sobre a responsabilidade social de empresas com capital alemão ou de empresas familiares fundadas por alemães no Mercosul. Esse estudo realizado pelas Câmaras binacionais da Alemanha na Argentina, no Brasil, no Paraguai e Uruguai chegou à conclusão de que um número relativamente grande de empresas atuava de forma socialmente responsável, realizando projetos, nos quais estão incluídas as comunidades vizinhas às empresas e a proteção ambiental.

Também as associações e instituições de língua alemã ou de origem alemã, que tenham projetos concretos, contam com a competência social necessária para realizá-los. Elas são ativas no campo educacional, cultural, esportivo e no religioso, bem como na assistência social.

Longe dos seus países de origem eles têm conservado as suas características positivas, as que são geralmente peculiares aos "alemães no sentido mais amplo", tais como confiabilidade, profundidade e pontualidade, bem como capacidade de organização, consciência da qualidade e disciplina.

|

O Instituto Sócio Cultural Brasil-Alemanha – ISCBA, por exemplo, apoia desde pequenas até grandes empresas na realização dessas atividades de responsabilidade social e inclusão. É uma instituição sem fins lucrativos.

No projeto específico "Atletas do Futuro – Fundo Paraesportivo Brasil-Alemanha", o Instituto trabalha em parceria com o Esporte Clube Pinheiros.

Não só o Instituto Sócio Cultural foi fundado pelos associados da Câmara de Comércio e Indústria ligada a Alemanha, também o Esporte Clube Pinheiros foi fundado por imigrantes alemães.

Mesmo os Jogos Paralímpicos foram criados por um alemão, pelo neurologista Prof. Dr. Ludwig Guttmann, na Inglaterra.

O projeto "Atletas do Futuro" promove também a inclusão no mercado de trabalho, outra especialidade alemã. Neste sentido, o projeto dá apoio para a capacitação profissional, visando o futuro pós-carreira desportiva.

|

A contribuição dos povos de língua alemã para o desenvolvimento do Brasil consiste em uma história de conhecidos homens e mulheres de língua alemã, que desbravaram regiões até então desconhecidas, agindo com diligência e perseverança, colonizaram e pesquisaram, fazendo o mesmo ainda hoje, e certamente continuarão a fazê-lo no futuro.

Esse trabalho destes homens e mulheres, brasileiros na grande maioria, é também uma contribuição para a simpatia e a imagem positiva em favor da

Alemanha, da Áustria, e da Suíça, considerando, sobretudo, os seguintes critérios de nações modernas:

- estado liberal constitucional e de direito
- economia de mercado baseada na proteção ambiental e com uma rede social
- transferência de tecnologia com cooperação na inovação
- compromisso dos governos com segurança, paz e liberdade para todos os países do mundo.

Em última análise, isso também promove exportações, investimentos, competições esportivas e eventos culturais, bem como o turismo e produz uma imagem positiva sustentada dos povos na Europa Central, que deram à luz (ao fogo), que uma vez veio do Oriente, o seu lugar permanente.

O poder criativo do Ocidente é registrado no Brasil pela atuação das Personalidades de língua alemã. Mesmo assim, a maioria dos brasileiros desconhece a grande variedade de produtos das empresas brasileiras de capital e know-how alemães, que, por exemplo, fizeram de São Paulo a maior cidade industrial alemã do mundo.

|

5. investimentos da Alemanha na proteção da Amazônia

A cooperação não é somente individual através da atuação das Personalidades de língua alemã mas também governamental entre o Brasil e a Alemanha que resulta por exemplo em grandes investimentos por parte da Alemanha na Amazônia partindo de dois ministérios importantes da Alemanha, o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Cooperação e Desenvolvimento (BMZ).

O recente aumento do desmatamento na Amazônia afetou o bom entendimento entre Alemanha e o Brasil. As verbas do Meio Ambiente destinadas pelo governo alemão à proteção da floresta estão sendo congeladas. O BMZ está buscando novos parceiros para a cooperação, por

exemplo o Ministério Público Federal (MPF) brasileiro. Está dando mais destaque à alguns temas para seus cerca de 400 milhões de euros, como direitos humanos e direitos dos povos indígenas, povos que por exemplo não podem ser contatados por não-indígenas.

Um dos patrimônios naturais mais valiosos do planeta é a Amazônia, decretada Província do Amazonas em 1850 pelo príncipe D. Pedro II, descendente da Imperatriz Leopoldine, Arquiduquesa do Sacro Império Romano da Nação Alemã.

A Amazônia é a maior floresta tropical do mundo. Abriga cerca de 30 % da biomassa total do planeta e quase metade da biodiversidade do mundo, ocupando uma área de 5,5 milhões de km² na América do Sul, sendo que 60 % está situada no Brasil. A Amazônia detém a maior bacia hidrográfica do mundo, responsável por um quinto do fluxo fluvial do mundo e contem cerca de 20 % da água doce líquida da Terra.

Uma importante função da floresta é de manter o ar úmido em movimento, transportando umidade para as regiões mais no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, através de “Rios Voadores”.

150 quilômetros em linha reta de Manaus no coração da floresta amazônica, uma região de floresta praticamente intocada, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Uatumã, no município de “São Sebastião do Uatumã”, está a Torre ATTO (Amazon Tall Tower Observatory, Torre Alta de Observação da Amazônia) com uma altura de 325 metros (equivale a um prédio de 80 andares) fruto de um projeto binacional Brasil-Alemanha executado pelos institutos INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e do Instituto Max Planck da Alemanha, com o intuito de coletar dados precisos sobre a interação da floresta Amazônica e a atmosfera.

Através dos dados coletados pela ATTO será possível fazer um diagnóstico preciso da influência da floresta Amazônica como reguladora do clima.

Desde sua inauguração em 2015 a Torre ATTO coleta dados continuamente, 24 horas por dia. Os mais de 100 Instrumentos instalados em toda sua extensão não só medem importantes dados meteorológicos como temperatura, umidade, pressão, precipitação e direção bem como velocidade do vento, e medem também a concentração de gases. Além disso, a torre mede os fluxos de água e energia entre a floresta e a atmosfera.

Pela altura a Torre não só carrega informações de centenas de quilômetros quadrados de floresta ao redor, também de massas de ar que viajaram milhares de quilômetros na atmosfera e chegaram até a Amazônia, como por exemplo a poeira do deserto do Saara.

Encerro minhas considerações com otimismo e esperança, para que a nossa missão seja uma contribuição para a sociedade civil contemporânea do Brasil. E convido para assistir um vídeo da Agência FAPESP sobre o projeto binacional ATTO na Amazônia:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZbMyUDnDSe8>

KWL, 22.09.2020